

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO
1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso**

Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009

**O DISCURSO ECOLÓGICO DAS MULHERES DO MOVIMENTO CAMPESSINO E
DA ARACRUZ CELULOSE. UMA QUESTÃO RELATIVA?**

Cristina Zanella Rodrigues

tina.zanella@gmail.com

Mestre

Universidade Católica de Pelotas (UCPel)

1. A EMERGÊNCIA DO DISCURSO ECOLÓGICO NA CONTEMPORANEIDADE

As mudanças significativas que estão acontecendo no planeta são resultado do desequilíbrio na relação envolvendo a humanidade e a biosfera. E isso tem feito alguns setores da sociedade refletirem acerca da maneira como estamos interagindo com a natureza. Determinadas comunidades científicas, algumas mídias independentes, organizações não-governamentais, diversos movimentos sociais, organizações internacionais, certos políticos, dentre outros, procuram trazer a debate a necessidade de repensarmos a forma como o consumo exacerbado, o crescimento demográfico e a destruição e modificação dos ecossistemas estão intensificando-se e ocasionando grandes desastres ambientais.

A concepção segundo a qual os recursos naturais podem progredir indefinidamente em direção ao futuro e a terra infinitamente apta para absorver nossos dejetos é impossível de sustentar. Diante disso, um novo e outro discurso vem sendo constituído. Um discurso de resistência que propõe a necessidade de mudança de paradigma.

No âmbito internacional, os encontros nas organizações internacionais, as conferências, as assinaturas de acordos e protocolos são palco de tomadas de decisões relevantes para o planeta, porém, na maioria das vezes surgem em conformidade com as necessidades econômicas do mercado

financeiro. Muitos programas e projetos desenvolvidos em toda sorte de espaços chegaram ao cotidiano da sociedade e refletem na prática social. Entretanto, algumas dessas práticas ficam restritas a ações defensivas, circunscritas a um espaço de uma comunidade ou de uma região, com peso insuficiente para fazer frente ao poderio do mercado ou às lógicas das tecnocracias públicas e privadas.

Diante desse quadro, pode-se afirmar que as questões ambientais tornaram-se um aspecto essencial na vida das pessoas, desenvolvendo-se em vários espaços sociais. Entretanto, a questão da consciência ecológica vem muito mais movida pelo medo do que pelo amor pelo planeta. É o medo de deixar de existir. Para os autores franceses Alphandéry, Bitoun e Dupont, a questão do consenso ecológico sobre a preservação do meio-ambiente é pautada pelo medo.

No final deste século [e início deste milênio], a expressão manifesta da ecologia é o medo. Não um medo surdo, mudo, e que teria vergonha de si próprio, mas um medo ostensivo, que se diz e que se escreve, que se publica e se filma, se oferece num espetáculo à medida da mundialização da comunicação. O medo ecológico é um grande medo que envolve todo o planeta.” (1993, p.15)

Afinal, expressões como “Mudanças drásticas na temperatura do planeta devido ao aquecimento global”, “A Terra sem camada de ozônio”, etc., dão conta de criar um clima de tensão e insegurança aos habitantes do planeta. Daí que o discurso ecológico, atualmente, nos aparece quase “consensual”. A princípio, a sociedade está tomando consciência de que é preciso rever a maneira como estamos nos relacionando com a natureza. Entretanto, nem tudo é unânime. No cerne desse discurso ecológico consensual acerca da preservação do planeta convivem discursos advindos de posições antagônicas, que defendem ações diferentes no trato com o meio-ambiente. E isso porque, quando se fala em ecologia não se pode dissociá-la das questões ideológicas, científicas, políticas, éticas e até mesmo espirituais. Por isso, concordo com Boff quando ele afirma que “a ecologia se constitui numa crítica radical do tipo de civilização que construímos.” (1996, p.20)

2. DO ACONTECIMENTOS DISCURSIVO

Um acontecimento ocorrido no Rio Grande do Sul envolvendo as Mulheres da Via Campesina e a empresa Aracruz Celulose inaugurou algo ainda novo no âmbito do discurso ecológico. Era madrugada do dia 8 de março de 2006 - Dia Internacional da Mulher - quando mais de mil e quinhentas mulheres camponesas ligadas à Via Campesina e ao Movimento das Mulheres Camponesas (MMC Brasil) tomaram o Horto Florestal da Fazenda Barba Negra, em Barra do Ribeiro no estado do Rio Grande do Sul. Deslocando-se pelas rodovias adjacentes, num plano bastante elaborado, não foram surpreendidas pelo poder de vigilância do Estado e executaram a proposta de sua ação com a maior eficiência já vista em investida de movimentos sociais organizados.

Após renderem os dois seguranças do local, saíram a fazer aquilo que acreditavam precisar ser feito: destruir o viveiro de mudas de eucalipto geneticamente modificadas e as instalações do

laboratório mantido pela empresa. Elas aniquilaram aproximadamente um milhão de mudas prontas para serem plantadas e deixaram atrás de si um rastro de destruição e um tanto de esperança e revolta. A partir dessa façanha, uma série de enunciados foram proferidos e impressos nos veículos de comunicação. A investida frente à Aracruz Celulose desencadeou intensas arguições, e pelo fato de não ter sido antecipada e prevista, a ação foi instantaneamente comparada a um ato de vandalismo.

A divulgação de cenas dramáticas de destruição das instalações da empresa com base na perspectiva capitalista de proteção da propriedade privada levada, muitas vezes, ao extremo, através do uso de agressões físicas e verbais a todo aquele que atenta contra ela, contribuíram para consolidar apenas um ponto de vista sobre a ação das mulheres. Devido não apenas ao ato em si, mas também pela forma como foi noticiado e divulgado na mídia, todo esse conjunto de enunciados e imagens veiculados nos principais jornais do país deram conta de esvaziar o conteúdo e as reivindicações ambientalistas e políticas das militantes para abordar apenas os danos materiais que restaram.

Por isso, a ação das mulheres da Via Campesina representa um acontecimento discursivo, ou seja, uma ruptura nas formas de enunciar no âmbito do discurso ecológico, instaurando novas formas de dizer e denunciar. A ação por elas tentada veio a romper com uma ordem do discurso sustentada pelas grandes empresas produtoras de celulose na qual o desenvolvimento a qualquer custo é imposto sem se questionar e divulgar devidamente as conseqüências ecológicas que tais empreendimentos podem acarretar para a vida no planeta.

Diante desse quadro, o movimento das mulheres da Via Campesina publicou e divulgou na internet um texto, em forma de manifesto, intitulado *O que não foi divulgado no caso Aracruz*, no qual procurava denunciar esse silenciamento – proposital – da mídia dominante e dos representantes do atual governo acerca das questões que elas estavam levantando com aquela ação. Esse texto foi distribuído por diversos movimentos sociais: Movimento dos Sem Terra (MST)¹, Movimento das Mulheres Camponesas (MMC –Brasil)², dentre outros.

As quatro páginas do documento não se apresentam como uma justificativa e muito menos como um pedido de desculpas. Ele é escrito para denunciar tal silenciamento e revelar as razões e os argumentos do movimento para tamanha empreitada. Ele é destinado à sociedade e vem perguntar justamente “por que ninguém se perguntou” porque aquelas mulheres – *jovens, mães e avós* – desencadearam um ato organizado na madrugada do dia 8 de março de 2006, Dia Internacional da Mulher. As coisas denunciadas dizem respeito à forma como a Aracruz (e outras grandes indústrias de celulose) mantém relação com o planeta Terra.

Diante dessas informações divulgadas pelo movimento, fui buscar na página da internet da Aracruz Celulose³ o que a empresa tinha a dizer sobre o acontecimento e o que (e se) tinha algo a esclarecer sobre aquilo que as mulheres estavam procurando denunciar com a ação que promoveram.

¹ www.mst.org.br

² www.mmcbrazil.com.br

³ www.aracruz.com.br

Havia dois textos que falavam sobre o acontecimento: um deles intitulado *Invasão no Horto Florestal da Barba Negra*, e outro intitulado *Destruição do viveiro da Aracruz no RS tem ampla repercussão e gera manifestações de apoio à empresa*. O primeiro texto se apresenta como um relato de três parágrafos do acontecido e dos danos materiais ocorridos nas instalações, havendo inclusive fotos. Há um subtítulo – *Sobre a Aracruz* - seguido de mais um parágrafo descrevendo brevemente a empresa, num relato bastante sucinto de duas páginas. O segundo texto divulgado, contendo dez páginas, começa com um parágrafo escrito pela empresa seguido de mais de quarenta notícias publicadas nos jornais de vários estados do Brasil. Alguns exemplos: O Globo, Jornal do Commercio, Jornal do Brasil, Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, Zero Hora, Correio do Povo, dentre outros.

Ao ler os textos divulgados tanto pelo movimento das mulheres da Via Campesina como pela empresa Aracruz, percebe-se que entre os dois sujeitos não se instaura exatamente uma situação de interlocução, considerada como um espaço no qual um sujeito A fala a um sujeito B sobre certo assunto C. Em verdade, os textos têm como interlocutor a sociedade, e mesmo tendo como mote o mesmo acontecimento, referem-se a ele de diferentes formas.

A partir da observação desse aspecto, instituí o primeiro recorte da análise, qual seja, trabalhando apenas com os textos daqueles que ocuparam o lugar de partes no acontecimento, e que escreveram um texto para dizer algo sobre aquilo que fizeram, no caso das mulheres, e aquilo que sofreram, no caso da Aracruz.

3. UMA QUESTÃO RELATIVA?

Para dar conta da análise de como se constitui o trabalho dos sentidos na instauração de um novo processo discursivo, é preciso levar em conta que a Análise do Discurso não trabalha a língua da Lingüística, transparente e autônoma. Ao contrário, a língua, nas palavras de Ferreira, “é a língua da ordem do material, da opacidade, da possibilidade de equívoco como fato estruturante, da marca da historicidade inscrita na língua.” (2005, p. 17). E isso implica em considerar a língua em sua relação com o sujeito e a história, o que leva a afirmar que o sentido não está fixado previamente como essência das palavras, nem tampouco pode ser qualquer um: isto é, para a AD, há uma determinação histórica nos processos de produção de sentido.

A evidência do sentido, de acordo com Orlandi,

faz ver como transparente aquilo que se constitui pela remissão a um conjunto de formações discursivas que funcionam como uma dominante. As palavras recebem seus sentidos de formações discursivas em suas relações. Este é o efeito da determinação do interdiscurso.” (2003, p. 46)

E desse funcionamento do interdiscurso, entendido por Pêcheux como aquilo que fala “antes, em outro lugar e independentemente” (1995, p. 162), constitui-se como o não-dito que irrompe

naquilo que é dito. Pois é pela referência à formação discursiva que podemos compreender, no funcionamento discursivo, os diferentes sentidos que palavras iguais podem ter.

A partir destas considerações, cumpre ainda esclarecer, que a noção de funcionamento, conforme Orlandi,

estendida para o discurso, faz com que não trabalhem apenas com o que as partes significam, mas que procuremos ‘quais são as regras que tornam possível qualquer parte’. Nessa perspectiva [...] a proposta é então explicitar os mecanismos de funcionamento do discurso. [...] é mostrar como um objeto simbólico produz sentidos, como os processos de significação trabalham um texto, qualquer texto.” (2004, p. 80)

É a partir destas reflexões teóricas que pretendo analisar como se dá o funcionamento discursivo das orações relativas, levando em consideração as condições de produção sócio-históricas dos textos e os discursos outros, o já-dito, que irrompem aí sob a forma de interdiscurso produzindo sentidos que instauram uma nova ordem do discurso, levando em conta a articulação entre acontecimento, estrutura e a descrição e interpretação.

Para tanto, trago as duas formulações retiradas dos textos produzidos pelas partes envolvidas na ação.

Formulação da Aracruz:

ARA. *O Horto Florestal da Fazenda Barba Negra, em Barra do Ribeiro (RS), pertencente à Aracruz Celulose, teve suas instalações invadidas por cerca de 2 mil mulheres da Via Campesina – movimento internacional que coordena organizações camponesas, atuante em diversos continentes.*

Formulação da Via Campesina:

VIA. *As grandes empresas do Deserto Verde no Rio Grande do Sul são: Votorantim Celulose e Papel e Stora Enso (que na verdade são uma só).*

A empresa faz uso de uma relativa (...*Via Campesina – movimento internacional*...) para qualificar o movimento social, graficamente representada pelo travessão. Considerando tal interpretação, o enunciado da empresa para descrever o movimento das mulheres ficaria assim: ... *Via Campesina que é um movimento internacional atuante em diversos continentes.*

A questão que parece reverberar aí não é propriamente o que está sendo dito, mas o que não foi dito em relação ao movimento. Não foi dito quais são os objetivos do movimento, quais são as suas frentes de reivindicações, não foi dito a sua história. Foi apenas esclarecido o fato de a empresa saber que se trata de um *movimento internacional, atuante em diversos continentes*. Observa-se a inscrição da mesma informação duas vezes. Há aí uma redundância, quase um pleonismo, um excesso em dizer alguma coisa linguisticamente materializada: se se trata de um movimento internacional logicamente atua em diversos continentes.

Também, ocorre, na mesma seqüência, a relativa – ... *que coordena organizações camponesas* ... É ela que vai trazer a informação nova para caracterizar o movimento ao qual a empresa se refere.

Contrastando esse enunciado com o da VIA ... *que na verdade são uma só*, percebe-se que ambas as construções são estruturalmente semelhantes, porém funcionam diferentemente. Em ARA, há o funcionamento de uma restritiva, ou seja, de todos os movimentos sociais existentes no mundo, aquele de que se fala é o que coordena organizações camponesas. Em outras palavras, a empresa está especificando a qual movimento se refere, está diferenciando-o dos demais, e este movimento é aquele cujas reivindicações dizem respeito às coisas do campo, às questões agrárias.

Essa oração relativa – *que coordena organizações camponesas* – pode ser entendida como restritiva, tal como concebida por Henry. De acordo com o autor,

pode-se dizer antes de tudo que a presença do pronome relativo, enquanto pronome que é, representa a relação entre o antecedente e a relativa como uma relação intra-seqüencial ainda que esta relação não seja explicitada em outros lugares no interior da seqüência. Então, o que separa o funcionamento restritivo do funcionamento explicativo é a outra modalidade de pôr em relação duas seqüências, a relação inter-seqüência, que é apagada pela relação intra-seqüência. Ao contrário, com o funcionamento explicativo, a relação inter-seqüência não é apagada. De forma resumida, diremos que o funcionamento restritivo da relativa apresenta uma relação inter-seqüência como se se tratasse de uma relação intra-seqüência. (1990 [1975]p.61)

No caso da formulação ARA – ... *movimento internacional que coordena organizações camponesas, atuante em diversos continentes* – a oração relativa funciona como uma restritiva porque apresenta essa relação de inter-seqüência como se fosse intra-seqüência, ou seja, não basta dizer que o movimento da Via Campesina trata-se de um movimento internacional, é necessário agregar a informação de que ele compreende organizações camponesas. Em outras palavras, a referência do antecedente (*movimento internacional*) depende da relativa (*que coordena organizações camponesas*), para que se possa identificar a qual movimento se fala uma vez que existem diversos outros movimentos que atuam em âmbito internacional. Esse aspecto possibilita saber “algo novo” sobre o movimento, uma vez que a predicativa – *movimento internacional atuante em diversos continentes* - não é suficiente porque traz apenas informações redundantes. É possível, portanto, que essa exacerbação em reiterar a internacionalização do movimento esteja ligada ao fato de que a empresa também é internacional, ou seja, já que as mulheres camponesas afirmam que a empresa é uma multinacional, esta também o diz que o movimento é internacional, produzindo um efeito de sentido de que ambas “instituições” teriam alguma coisa em comum.

Em VIA – *As grandes empresas do Deserto Verde no Rio Grande do Sul são: Votorantim Celulose e Papel e Stora Enso (que na verdade são uma só)* - , a relativa entre parênteses, parece funcionar como uma explicativa, pois seu funcionamento ocorre a partir de uma relação de inter-seqüência, isto é, o objetivo não é destacar a empresa para diferenciá-la, ao contrário, o propósito é igualá-la às demais corporações internacionais. A oração subordinada, sob a forma de comentário, em realidade, é que contém a informação mais relevante, ou seja, é a explicativa, e não a oração principal, que vai marcar a posição da Via Campesina. Em outras palavras, não basta informar quem são as

grandes empresas do Deserto Verde, é necessário dizer que elas são uma só para reafirmar a crítica do movimento ao processo de globalização colocado em marcha pelo mercado financeiro. Vê-se, portanto, que a estrutura de ambas subordinadas é a mesma, porém funcionam diversamente, produzindo efeitos de sentidos diferentes.

Através do exame da materialidade lingüística, associada às condições de produção dos discursos, foi possível perceber que, mesmo apresentando estruturas lingüísticas semelhantes, as construções relativas, presentes tanto no discurso das mulheres do movimento campesino quanto no da empresa de celulose, apresentam funcionamentos diferentes, fazendo surgir distintos processos discursivos e desencadeando movimentos de sentidos peculiares. Isso indica que a distinção proposta pela gramática entre orações explicativas e restritivas, sob o ponto de vista discursivo, não se sustenta, assim como a primazia da oração principal frente às subordinadas adjetivas. Constatou-se, no *corpus* analisado, que em realidade é na subordinada e não a principal que incide a diferença de posição das mulheres da Via Campesina e da empresa Aracruz Celulose.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALPHANDÉRY, Pierre; BITOUN, Pierre e DUPONT, Yves. *O Equívoco Ecológico*. Instituto Piaget: Lisboa, 1993.

BOFF, Leonardo. *Dignitas terrae*. Ecologia: grito da terra, grito dos pobres. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1996.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro e INDURSKY, Freda (Org.). *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz, 2005.

HENRY, Paul. Construções relativas e articulações discursivas. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, n. 19, p.43-64, Julho/Dezembro. 1990.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do Discurso. Princípios & Procedimentos*. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

_____. *Interpretação*. A autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 4ª ed. Campinas: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso*. Uma crítica à afirmação do óbvio. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.